

PRESENÇA PORTUGUESA NA BIENAL DE VENEZA

ARQUITECTURA

Entre 12 de Setembro e 7 de Novembro de 2004, nos seus já tradicionais espaços nos Giardini di Castello e do Arsenale (Corderie e Artiglierie), decorreu sob a direcção de Kurt W. Foster e o tema/designação *Metamorph* a 9ª Mostra Internazionale di Architettura da Biennale di Venezia. Esta edição foi a mais concorrida e animada de todas as que até hoje se realizaram. Para além dos pavilhões e exposições directamente promovidas pela Biennale, fizeram-se representar 43 países, entre os quais Portugal.

Sob o patrocínio e a promoção institucional do Instituto das Artes do Ministério da Cultura, a representação portuguesa foi instalada num dos espaços da ala das Artiglierie do velho Arsenale e consistiu numa exposição intitulada *Metaflux, duas gerações na ar-*

quitectura portuguesa recente, a qual teve como comissários Pedro Gadanho e Luís Tavares Pereira, sendo o projecto expositivo da autoria do primeiro.

Segundo a informação oficial posta a circular (catálogo e www.iartes.pt/metaflux_venezia), a *Metaflux* resultou da evolução que os seus comissários produziram a partir de uma experiência expositiva anterior na Fundação de Serralves no Porto, a *Influx*. Esta consistiu na montagem de algumas exposições sobre a produção arquitectónica de uma geração mais jovem do que a que tem vindo a consagrar-se nos mais diversos meios da cultura arquitectónica contemporânea, as quais indiciaram “*mutações genéticas*” nas práticas correntes da arquitectura portuguesa actual.” Tal facto informa-nos desde logo de

um dos principais desígnios da exposição, quiçá o mais claro e legítimo: divulgar e promover o trabalho de uma nova geração de arquitectos portugueses.

Segundo os comissários, na *Metaflux* surgem em confronto/diálogo duas gerações de arquitectos – a X e a Y – separadas por escassos 5 anos, mas essencialmente por percursos de consolidação profissional diversos. Pretendeu-se produzir o “retrato da prática e identidade de 10 ateliers de arquitectura portuguesa [...através das...] referências conceptuais e metodológicas de cada um dos participantes e [...destacando-se...] as especificidades dos respectivos trabalhos. [...Para tal considerou-se] importante construir um retrato inovador do contexto cultural em que as mesmas se inserem. As metamorfoses recentes da realidade portuguesa contemporânea [...foram...] propostas através das peças inéditas e o olhar crítico de 5 artistas e arquitectos convidados.” A *Geração X*, composta por arquitectos em torno dos 40 anos, foi considerada como de evolução livre, mas na continuidade da produção de colegas consagrados mais velhos, com os quais em muitos casos colaborou, assim

vincando a sua formação. A *Geração Y*, de arquitectos com idades próximas dos 35 anos, foi apresentada como detentora de um referencial de influências muito mais vasto, senão mesmo universal. Claro que esta distinção é forçada e pouco perceptível, mesmo para quem esteja por dentro da evolução da arquitectura produzida em Portugal nas últimas décadas e, em especial, dos meandros da composição das respectivas equipas. Depois resta questionar a representatividade da produção arquitectónica seleccionada em função da metamorfose em curso na paisagem cultural e do edificado do país.

Àqueles dois grupos de produção arquitectónica convencional – leia-se projecto-obra – juntou o comissariado um outro de arquitectos e/ou artistas, aos quais foram encomendadas instalações específicas para o efeito “acrescentando uma narrativa paralela à exposição”. Como vimos atrás competia-lhes sintetizar o contexto cultural em que as metamorfoses produzidas pela arquitectura apresentada ocorre. Quase desprovidas de contexto e espaço próprio, estas intervenções passavam despercebidas e ilegíveis,

também pela incoerência e dispersão do seu discurso, pela ausência de um nexo comum que lhes pudesse ter sido imposto pelo comissariado. Para a satisfação de uma encomenda não basta escolher fornecedores.

Tal constatação conduz-nos à denúncia daquilo que em nossa opinião tem sido a pecha de muitas das representações portuguesas neste tipo de certames: a recusa à eleição e elaboração dos conteúdos em torno de uma só ideia, de um só conceito, produzindo-se um discurso expositivo forte e claro. Isso para além de raramente se privilegiar o serviço do tema geral proposto. Pela tão grande densidade de conteúdos e de compromissos implícitos, a *Metaflux* não pôde explicar-se num espaço tão pequeno e no meio de um certame onde a dose e variedade de informação e apelo aos sentidos é tão forte.

A montagem, bastante densa se não mesmo lesiva da leitura dos conteúdos pela exiguidade do espaço destinado aos visitantes, era constituída por um conjunto de elementos de suporte onde a madeira, o vidro e o aço surgiam com uma execução cuidada, resultado inequívoco de um dese-

nho de grande rigor e detalhe. Para além de desenhos e maquetas, a fotografia a preto e branco desempenhava um papel central, designadamente na apresentação dos autores ao jeito de vedetas. De particular relevo eram os vídeos exibidos em ecrãs de televisão, os quais consistiam em depoimentos dos autores pelos quais falavam dos seus processos e métodos de trabalho. Pena que o espaço e a acústica não tornassem confortável ou até possível entender o que se dizia, ou talvez não... De facto foi com alguma perplexidade que nos deparámos com o brutal desfasamento entre a representação portuguesa e a globalidade da Biennale. Para além de uma árdua relação com o mote geral – *metamorfose* – o culto da personalidade do arquitecto, designadamente quando colocado sobre indivíduos mais jovens afigurou-se-nos algo deslocado, em especial quando parte considerável do assento tónico era colocado sob o respectivo processo criativo. Com efeito, num certame em que a celebração da arquitectura foi essencialmente posta sobre a sua concretização em obra ou conceito, sobre a experiência efémera ou a realização

temporal, sobre a participação ou a sua metamorfose colectiva, pareceu-nos disléxico, se não mesmo disfuncional, o retorno ao discurso sobre o desenho, o acto criativo, a solidão e a individualidade do arquitecto enquanto autor, o desígnio transformador – metamórfico se quisermos – das vanguardas e, assim, dos jovens autores. São temas/realidades demasiado velhas e consolidadas para o que a contemporaneidade consegue suportar.

Senão leve-se em linha de conta, por exemplo, o conteúdo da representação nacional à qual foi outorgado o *Leone d'oro per la migliore installazione presentata da un Paese*: a Bélgica A representação belga, instalada no pavilhão permanente nos Giardini di Castello, consistia numa instalação essencialmente composta por reality-vídeos designada “Kinshasa, La Città immaginaria.” O júri considerou que “Il riconoscimento va a questo progetto per la sua maniera provocatoria e straordinaria di mostrare al pubblico che le tradizionali strategie e tipologie architettoniche non sempre sono la migliore risposta alle grandi sfide del mondo. Il progetto sostiene che i problemi

dell'identità, della comunità e dell'infrastruttura stanno subendo metamorfosi di tale importanza che occorre sviluppare nuove definizioni e soluzioni.” Da *imaginária* Kinshasa à snob sofisticação da representação portuguesa nesta Biennale, vai a distância entre a realidade e a percepção meramente virtual do que hoje é a Arquitectura, portuguesa ou não. E agora caberia dissertar acerca da produção, ou não, na contemporaneidade de uma arquitectura portuguesa. Será a da Geração X ou a da desempoeirada Geração Y? Os tais cinco anos farão essa diferença? A *Metaflux* foi concebida por forma a poder ser remontada em outros locais, provavelmente até com maior capacidade de comunicação dos seus conteúdos. Para tal bastará serem-lhe proporcionados espaços mais generosos e o facto de funcionar isoladamente ou seja, sem ter de ser directamente confrontada com outras ao serviço de um tema aglutinador. Assim está patente entre 11 de Dezembro de 2004 e 30 de Janeiro de 2005 no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional em Lisboa (note-se a curiosa relação simbólica deste lugar com